



WILLIAM WILSON

EDGAR ALLAN POE

Livraria Pública

WILLIAM WILSON

Edgar Allan Poe

visite:

Livraria Pública

Milhares de eBooks Gratuitos

livrariapublica.com.br

William Wilson

Que dirá ela? Que dirá a terrível CONSCIÊNCIA,

Esse espectro no meu caminho?

CHAMBERLAYNE, Pharronida

Seja-me permitido, de momento, identificar-me como William Wilson. Não há necessidade de que a página branca que tenho na frente seja manchada pelo meu verdadeiro nome. Ele foi já por demais objeto de desprezo e horror - de repulsa pela minha estirpe. Não levaram os ventos indignados até às mais remotas regiões do globo a sua infâmia sem par? Oh, proscrito, de todos os proscritos o mais abandonado! Não morreste definitivamente para o mundo? Para as suas honras, as suas grinaldas, as suas aspirações douradas? E não paira eternamente uma nuvem densa, lúgubre e interminável entre as tuas esperanças e o céu?

Não poderia, ainda que o pretendesse, confinar aqui e agora o relato dos meus derradeiros anos de indizível miséria e de imperdoável crise. Essa época - estes últimos anos - comportaram um súbito paroxismo de depravação, consistindo tão-somente o meu objetivo atual em determinar-lhe a origem. Regra geral, os homens tornam-se ignóbeis de modo gradual e progressivo. Eu, porém, vi-me instantaneamente despojado de toda a virtude, como se de um manto se tratasse. De uma perversidade comparativamente vulgar, atingi, numa passada de gigante, enormidades maiores que as de Heliogábalo. Permitam-me que relate qual o acaso qual o acontecimento que deu lugar a que ocorresse coisa tão perversa. A morte acerca-se: e a sombra que a antecede lançou sobre a minha alma uma influência emoliente. Anseio, ao passar o lúgubre vale, pela compreensão - ia dizer pela misericórdia - dos meus semelhantes. Quisera fazê-los crer que fui, em certa medida, escravo de circunstâncias que estão para além do domínio dos homens.

Quisera que eles descobrissem para mim, nos pormenores que vou fornecer, algum pequeno oásis de *fatalidade* no meio de um deserto de erros. Gostaria que eles concedessem - como não poderão deixar de conceder que, embora possa alguma vez ter existido tentação igual, nunca qualquer homem foi assim, pelo

menos, até hoje tentado - e certamente nunca assim sucumbiu. E será por isso que nunca assim sofreu? Não terei eu realmente vivido num sonho? E não estarei agora prestes a morrer vítima do horror e do mistério da mais insólita de todas as visões sublunares?

Descendo de uma estirpe que sempre se tornou notada pelo seu temperamento imaginativo e facilmente excitável: e durante a primeira infância, revelei bem ter herdado cabalmente o carácter de família. Com o decurso dos anos, este desenvolveu-se cada vez mais fortemente, convertendo-se, por variadas razões, em motivo de séria inquietação para os meus amigos e em causa de verdadeiros males para mim próprio. Tornei-me obstinado, dado aos mais estranhos caprichos e presa das mais incontrolláveis paixões. De espíritos fracos e assediados por enfermidades constitucionais semelhantes às minhas, os meus pais pouco podiam fazer para deter a propensão para o mal que me caracterizava. Os débeis e mal orientados esforços que desenvolveram redundaram em completo fracasso seu e, evidentemente, em totais vitórias minhas. A partir de então a minha voz passou a ditar a lei doméstica; e, numa idade em que poucas crianças abandonaram as rédeas, fui deixado à mercê da minha própria vontade e tornei-me, em tudo menos no nome, senhor dos meus atos.

As mais antigas recordações que guardo da vida escolar estão ligadas a uma grande casa isabelina de arquitetura irregular, numa obscura aldeia de Inglaterra, onde havia uma quantidade enorme de gigantescas e nodosas árvores e onde todas as casas eram extremamente antigas.

Em verdade, esse venerável e velho povoado era como que um exaltante lugar de fantasia. Neste momento, através da imaginação, sinto a revigorante frescura das suas avenidas cobertas de sombras, aspiro a fragrância dos seus mil matagais e estremeço de novo com indefinível deleite ao toque profundo e cavo do sino da igreja, quebrando a cada hora, com o seu soturno e repentino rugir, a quietude da sombria atmosfera na qual repousava adormecido o campanário gótico.

Experimento talvez o maior prazer que hoje me é dado sentir, seja por que meio for, ao deter-me em minuciosas reminiscências da escola e das suas ansiedades. Mergulhado na miséria como estou - miséria, ai de mim, bem verdadeira! -,

perdoar-me-ão que busque lenitivo, por mais ténue e passageiro que seja, na futilidade de certos pormenores desconexos. Por muito que estes sejam vulgares e mesmo ridículos em si mesmos, assumem, na minha imaginação, uma importância circunstancial, ligados como estão a um período e a uma localidade em que reconheci as primeiras advertências do destino que mais tarde tanto me ensombrou a existência. Deixem-me, pois, recordar.

A casa era, como disse, velha e irregular. O terreno era extenso, e um alto e sólido muro de tijolos, encimado por uma camada de argamassa e vidros partidos, cercava todo o conjunto. Esta muralha digna de uma prisão constituía o limite dos nossos domínios; nunca víamos nada para além dele, a não ser três vezes por semana: uma todos os sábados de manhã, quando, acompanhados por dois preceptores, éramos autorizados a dar curtos passeios em conjunto por alguns dos terrenos vizinhos, e duas ao domingo, quando marchávamos da mesma maneira formal para os serviços religiosos da manhã e da tarde, celebrados na única igreja da aldeia.

O pastor dessa igreja era o diretor da nossa escola. Com que profundo espanto e perplexidade costumava contemplá-lo do nosso distante banco na tribuna, quando, em passo lento e solene, ele subia ao púlpito! Poderia este reverendo homem, de rosto tão sobriamente benigno, de vestes tão lustrosas e tão clericalmente ondulantes, com a cabeleira tão meticulosamente empoadada, tão rígida e farta, ser o mesmo que, pouco antes, de rosto carrancudo e com a roupa manchada de rapé, administrava, de palmatória na mão, as drásticas leis da escola? Oh, gigantesco paradoxo, monstruoso de mais para lograr solução!

A um canto do maciço muro erguia-se, ameaçadora, uma porta mais maciça ainda, rebitada e atravessada por cavilhas de ferro e encimada por espigões de ferro dentados. Que sentimento de profundo terror ela inspirava! Jamais era aberta, a não ser para as três periódicas saídas e regressos que atrás referi; nesses tempos, em cada rangido dos seus poderosos gonzos, encontrávamos uma plenitude de mistérios - um mundo de motivos para solenes observações ou para meditações mais solenes ainda.

O extenso recinto era de forma irregular e possuía muitos recessos espaçosos, dos quais três ou quatro dos maiores constituíam o recreio, plano e coberto de saibro fino e consistente. Recordo-me bem de que não tinha árvores, nem bancos, nem nada de semelhante. Situava-se, evidentemente, nas traseiras da casa. Diante da fachada estendia-se um pequeno canteiro plantado de buxo e de outros arbustos; mas por este talhão só passávamos em muito raras ocasiões - tais como o primeiro dia de ida à escola ou o seu abandono definitivo, ou porventura quando, chamados por um amigo ou parente, regressávamos alegremente ao lar paterno, nas férias do Natal ou do Verão.

Mas a casa! Como era excêntrico o velho edifício! Para mim, que verdadeiro palácio de encantamento! Não havia realmente limites para os seus meandros - para as suas incompreensíveis subdivisões. Era difícil, em qualquer momento dado, dizer-se com segurança em qual dos dois andares nos encontrávamos. Entre um e outro compartimento, tínhamos sempre a certeza de deparar com três ou quatro degraus, ora a subir, ora a descer. Depois, as alas laterais eram inumeráveis, inconcebíveis, e tão imbricadas sobre si próprias que as ideias mais exatas que formávamos de tudo aquilo não diferiam muito da concepção que tínhamos do infinito. Durante os cinco anos em que nela residi, nunca logrei certificar-me com precisão de qual o remoto local onde se situava o pequeno quarto de dormir que me estava destinado, juntamente com uns dezoito ou vinte outros alunos.

A sala de aulas era a mais espaçosa da casa - e do mundo inteiro, não podia eu deixar de pensar. Era muito comprida, estreita e lugubramente baixa, com janelas ogivais góticas e teto de carvalho. A um canto afastado e atemorizante havia um recinto quadrado de dois metros e meio a três metros, representando o *sanctum* do nosso diretor, o Rev. Dr. Bransby. Era uma estrutura sólida, com uma porta maciça; e bem preferiríamos morrer de *peine forte et dure* (*castigo forte e duro*) a abri-la na ausência do nosso «Dorninie». Noutros cantos havia dois outros blocos semelhantes, bem menos venerados, mas mesmo assim consideravelmente inspiradores de terror. Um deles era o púlpito do mestre de «humanidades», e outro o do de «inglês e matemática». Disseminados pela sala,

cruzando-se e entrecruzando-se com uma regularidade interminável, havia inúmeros bancos e carteiras, negros, antigos e gastos pelo tempo, imensamente empilhados de livros excessivamente manuseados e tão marcados de iniciais, de nomes completos, de desenhos grotescos e de outros esforços das navalhas, que tinham já perdido o pouco de pessoal que poderia ter-lhes sido conferido em tempos imemoriais.

Na outra extremidade da sala existia um grande balde com água, e noutra ainda um relógio de dimensões extraordinárias.

Entre as maciças paredes desta venerável escola passei, todavia sem tédio nem desagrado, os anos do terceiro lustro da minha vida. O fértil cérebro da infância não precisa de um mundo exterior de incidentes para se manter ocupado ou entretido; e a monotonia aparentemente lúgubre da escola estava recheada de excitações mais intensas do que aquelas que, na maturidade da juventude, me proporcionou a luxúria ou, na idade adulta, o crime. Contudo, quer-me parecer que o meu desenvolvimento psíquico inicial teve muito de invulgar - mesmo muito de *outré (excessivo)* , De modo geral, no comum dos homens, os acontecimentos da infância raramente deixam na idade madura quaisquer impressões definidas. Tudo se transforma numa sombra cinzenta - numa reminiscência débil e irregular - de confusa lembrança de ténues prazeres e de fantasmagóricas penas. Comigo não é isso que se passa. Devo ter sentido na infância com a energia própria de homem feito o que hoje descubro impresso na memória com marcas tão vivas, tão profundas e tão duradoras com os exergos das medalhas cartaginesas.

Todavia, na realidade - na realidade da opinião habitual das pessoas -, como havia pouco para recordar! O despertar de manhã, a ordem de deitar à noite; as lições; as recitações; as semiférias periódicas e as deambulações; o recreio, com as suas disputas, os seus passatempos, as suas intrigas - tudo isto, por qualquer magia mental há muito esquecida, envolvia uma infinidade de sensações, um mundo prenhe de incidentes, um universo de emoções variadas, de entusiasmos por demais apaixonados e empolgantes. «*Oh, le bon temps, que ce siècle de fer!*» (*Oh, que bela época, este século de ferro!*)

Na verdade, o ardor, o entusiasmo e a premência da minha natureza depressa me tornaram um carácter notado entre os meus colegas de escola e, aos poucos, lenta mas naturalmente, conferiram-me um ascendente sobre todos aqueles que não eram muito mais velhos do que eu; sobre todos, com excepção apenas de um aluno que, embora não nos ligasse qualquer parentesco, tinha o mesmo nome de baptismo e o mesmo apelido que eu - circunstância aliás pouco extraordinária, pois que, apesar da minha origem nobre, o meu apelido era um daqueles nomes vulgares que parecem, por direito de prescrição, ser desde tempos imemoriais propriedade comum de toda a gente.

Neste relato identifiquei-me, pois, como William Wilson - um nome fictício pouco diferente do verdadeiro. Só o meu homónimo, entre aqueles que, segundo a fraseologia escolar, constituíam «a nossa classe», ousava competir comigo nos estudos, nos desportos e nas disputas do recreio, negar-se a acreditar implicitamente nas minhas afirmações e a submeter-se à minha vontade - numa palavra, atrevia-se a interferir na minha arbitrária ditadura fosse a que propósito fosse. Se existe neste mundo um despotismo supremo e incondicional, é o despotismo de um génio infantil sobre os espíritos menos enérgicos dos seus companheiros.

A rebeldia de Wilson era para mim causa do maior mal-estar; tanto mais que, apesar da bravata com que em público fazia ponto de honra em tratá-lo a ele e às suas pretensões, sentia que o temia secretamente e não podia deixar de pensar que o plano de igualdade em que ele tão facilmente se colocava era uma prova da sua real superioridade - uma vez que me era preciso um permanente esforço para não me deixar dominar por ele. Contudo, essa superioridade - digamos mesmo essa igualdade - não era efetivamente reconhecida por mais ninguém para além de mim; os nossos companheiros, por qualquer inexplicável cegueira, não pareciam sequer suspeitar dela. De facto, a sua rivalidade, a sua resistência e especialmente a sua impertinente e obstinada interferência com os meus propósitos não visavam mais longe que a esfera privada. Parecia ser igualmente destituído, quer da ambição que me incitava à superioridade, quer da apaixonada energia de espírito que ma permitia. Poderia supor-se que essa sua

superioridade fosse apenas ditada por um caprichoso desejo de frustrar-me, surpreender-me ou mortificar-me; havia, contudo, ocasiões em que não podia deixar de observar, com um misto de admiração, rebaixamento e melindre, que ele aliava às suas injúrias, insultos ou contradições uma certa *afetuosidade* de trato perfeitamente deslocada e evidentemente indesejável.

Não me era possível conceber que este estranho comportamento se radicasse noutra motivo que não fosse uma consumada presunção que assumia o tom vulgar do paternalismo e da proteção.

Talvez fosse esta última característica da conduta de Wilson, aliada à nossa identidade de nomes, e ao mero acaso de termos entrado para a escola no mesmo dia, que espalhou, entre as classes mais adiantadas, a noção de que éramos irmãos. Os alunos dessas classes não costumavam investigar com grande minúcia os assuntos dos mais novos. Disse já, ou devia tê-lo dito, que Wilson não tinha qualquer parentesco, por mais afastado que fosse, com a minha família. No entanto, se fôssemos irmãos, certamente seríamos gémeos, visto que, após deixar a escola do Dr. Bransby, soube acidentalmente que o meu homónimo nascera em 19 de Janeiro de 1813 - e a coincidência é notável, pois trata-se precisamente do dia em que eu próprio nasci.

Poderá parecer estranho que, apesar da constante ansiedade que me provocavam a rivalidade de Wilson e o seu intolerável espírito de contradição, eu não conseguisse odiá-lo de todo. É certo que tínhamos discussões quase diárias, nas quais ele, cedendo-me publicamente os louros da vitória, de certo modo arranjava maneira de fazer-me sentir que era ele quem os merecia; contudo, um sentido de amor-próprio da minha parte e uma verdadeira dignidade pelo lado dele sempre nos mantiveram dentro daquilo a que se chama «relações normais», ao mesmo tempo que havia muitos pontos de grande identidade nos nossos temperamentos que despertavam em mim um sentimento que só a nossa situação porventura impediu de florescer em amizade. É efetivamente difícil definir, ou sequer descrever, os meus verdadeiros sentimentos por ele. Constituíam uma amálgama variada e heterogénea: uma certa animosidade petulante, que não

chegava a: ódio, alguma consideração, ainda mais respeito, muito receio e um mundo de constrangida curiosidade.

Para quem for filósofo, escusado se tornará acrescentar que Wilson e eu éramos absolutamente inseparáveis.

Foi sem dúvida o género anómalo de relações entre nós existentes que canalizou todos os meus ataques contra ele (e muitos eram, quer abertos, quer dissimulados) para o terreno da ironia e da piada pessoal (que magoavam ao mesmo tempo que assumiam o aspecto de mera brincadeira) e não para o de uma hostilidade mais séria e determinada. Porém, os meus esforços nesse sentido não eram de modo algum invariavelmente bem sucedidos, mesmo quando forjava os meus planos com a maior das astúcias; isto porque o carácter do meu homónimo tinha muito da discreta e calma autoridade que, do mesmo passo que goza com a mordacidade das suas próprias ironias, não revela qualquer calcanhar de Aquiles e se recusa terminantemente a dar-se ao ridículo. Na realidade, apenas conseguia encontrar-lhe um ponto vulnerável, e esse, uma vez que residia numa particularidade pessoal, originada talvez por qualquer enfermidade física, teria sido poupado por qualquer antagonista menos encarniçadamente determinado do que eu: o meu rival tinha um defeito nos órgãos vocais que o impedia de jamais erguer a voz acima de um sussurro muito baixo. Não me coibi de retirar desta imperfeição todas as baixas vantagens que estavam ao meu alcance.

Eram muitas as maneiras de Wilson me pagar na mesma moeda; e havia uma forma de maldade em especial que me perturbava incomensuravelmente. Como a sua sagacidade descobriu que uma coisa tão trivial me vexava, é coisa que nunca saberei; mas, tendo-a surpreendido, recorria frequentemente ao mesmo suplício. Eu sempre experimentara aversão pelo meu incharacterístico patronímico, bem como pelo vulgar, se não plebeu, nome de baptismo.

Uma e outra palavra eram autêntico veneno para os meus ouvidos; e quando, no dia da minha chegada, apareceu outro William Wilson na escola, senti-me irritado com ele por usar aquele nome, e duplamente contrariado pelo facto de ser utilizado por um estranho, que seria causa da sua dupla repetição, que estaria constantemente na minha presença e cujos assuntos, na rotina escolar quotidiana,

inevitavelmente - devido a tão detestável coincidência - haviam de ser confundidos com os meus.

O sentimento de vexame assim originado foi-se aprofundando com cada novo facto passível de revelar alguma semelhança, física ou moral, entre o meu rival e eu. Nessa altura não tinha ainda descoberto a circunstância notável de termos a mesma idade; mas verificava que éramos da mesma estatura e apercebia-me de sermos mesmo singularmente parecidos na configuração física em geral e nos traços fisionómicos. Humilhavam-me ainda os rumores da existência de algum parentesco, que se haviam tornado habituais nas classes mais adiantadas. Numa palavra, nada me poderia perturbar tão intensamente (embora eu ocultasse escrupulosamente tal perturbação) do que qualquer alusão a uma semelhança intelectual, física ou de condição existente entre nós. Porém, em boa verdade, não tinha motivos para crer (exceto no referente ao parentesco e pelo que tocava ao próprio Wilson) que essa semelhança fosse alguma vez objeto de comentários, ou sequer notada, por parte dos nossos colegas. Que ele se dava conta dela em todos os seus aspectos, e tão detidamente como eu, era evidente; mas o facto de ele conseguir descobrir em tais circunstâncias um terreno tão fértil para incomodar-me só pode atribuir-se, como disse já, à sua perspicácia acima do comum.

A sua réplica consistia numa perfeita imitação da minha pessoa, quer nos gestos, quer nas palavras, e desempenhava esse papel de forma admirável.

O meu vestuário era fácil de reproduzir; o meu porte e atitude geral eram apropriáveis sem dificuldade de maior; apesar do seu defeito físico, nem sequer a minha voz lhe escapava. Não tentava, evidentemente, mimar as minhas tonalidades mais graves, mas a entoação, essa era idêntica, e o seu estranho sussurro transformava-se num perfeito eco da minha voz.

Quanto me embaraçava este apurado retrato (pois não se lhe poderia chamar, com propriedade, caricatura), não tentarei sequer dizê-lo aqui. Restava-me apenas uma consolação - o facto de ser eu, aparentemente, a única pessoa a aperceber-se da imitação e a suportar os sorrisos estranhamente sarcásticos do meu homónimo. Satisfeito por ter produzido em mim o efeito desejado, parecia rir secretamente da ferroada que me infligia e, como de costume, desdenhava do

aplauso público que o êxito dos seus espirituosos esforços tão facilmente poderia ter suscitado. O facto de, na realidade, a escola não se aperceber do seu desígnio, de não compreender a sua atuação nem participar no escárnio constituiu, durante vários meses de ansiedade, um enigma para o qual não encontrei solução. Talvez fosse a gradação da sua imitação que a tornava menos prontamente detectável; ou, mais provavelmente, eu devesse a minha segurança ao ar de mestria do imitador, o qual, desprezando a letra (que numa pintura é a única coisa que os obtusos conseguem ver), se limitava a transmitir todo o espírito do seu original para minha exclusiva contemplação e desgosto.

Referi-me já por mais de uma vez ao desagradável ar de superioridade que ele assumia perante mim, bem como à sua importuna interferência com a minha vontade. Esta interferência tomava, não raro, o displicente aspecto de conselho. Eu acolhia-a com uma repugnância que aumentava de intensidade à medida que os anos passavam.

Contudo, à distância do tempo, seja-me permitido fazer-lhe a simples justiça de reconhecer que não me recordo de uma só ocasião em que as sugestões do meu rival se abeirassem daqueles erros ou loucuras tão frequentes da sua imaturidade e aparente inexperiência; que o seu sentido moral, pelo menos, se não mesmo os seus talentos em geral e a sua sensatez mundana, era muito mais apurado do que o meu; e que eu poderia hoje ser melhor, e portanto mais feliz, se tivesse rejeitado menos vezes os conselhos implícitos nesses sussurros significativos que então cordialmente detestava e dos quais tão amargamente desdenhava.

Desse modo, tornei-me, com o decorrer do tempo, extremamente impaciente perante a sua incómoda vigilância, e cada dia me ressentia mais abertamente daquilo que considerava a sua intolerável arrogância. Disse já que, nos primeiros anos da nossa ligação como colegas de estudo, os meus sentimentos por ele facilmente teriam florescido em amizade; contudo, durante os últimos meses da minha estada na escola, embora o carácter importuno das suas maneiras habituais tenha, indubitavelmente, de certo modo diminuído, os meus sentimentos, em proporção idêntica, passaram a ter muito em comum com o ódio

puro e simples. Em certa ocasião ele apercebeu-se disso, creio, e a partir de então passou a evitar-me ou a dar a entender que me evitava.

Foi mais ou menos nessa altura, se bem me recordo, que, numa violenta altercação com ele, durante a qual ele abandonara a guarda mais do que era habitual, falando e agindo com uma franqueza de atitude completamente estranha à sua natureza, que descobri, ou me pareceu descobrir, no seu tom de voz, no seu ar e na expressão geral, qualquer coisa que a princípio me surpreendeu e a seguir me despertou profundo interesse, trazendo-me à memória vagas reminiscências da primeira infância - um tropel de estranhas e confusas memórias de um tempo em que a própria memória estava ainda por nascer.

Não consigo descrever melhor a sensação que me oprimiu do que dizendo que me foi difícil rejeitar a crença de que tivesse conhecido o ser que tinha diante de mim, numa época muito remota, em qualquer ponto do passado, mesmo que infinitamente longínquo. Porém, a ilusão dissipou-se tão rapidamente como surgira; e, se a refiro, é apenas para definir o dia da última conversa que ali tive com o meu homónimo.

A velha e imensa casa, com as suas inúmeras subdivisões, possuía muitos quartos amplos que comunicavam entre si, onde dormia a maior parte dos alunos. Havia porém (como devia forçosamente acontecer num edifício de tão insólita traça) muitos pequenos recantos ou recessos, os espaços excedentes e extremos da construção, que o engenho económico do Dr. Bransby tinha igualmente equipado como dormitórios, embora, não passando de simples cubículos, apenas pudessem comportar uma pessoa. Wilson ocupava um destes pequenos compartimentos.

Uma noite, perto do final do meu quinto ano na escola, e imediatamente após a referida altercação, verificando que todos estavam mergulhados no sono, levantei-me da cama e, de lanterna na mão, avancei furtivamente, ao longo de uma série de estreitas passagens, do meu quarto até ao do meu rival. Havia muito que planeava um desses perversos golpes de astúcia sobre ele, nos quais até então tinha invariavelmente fracassado. Agora tencionava pôr em prática o esquema

que concebera e resolvi fazê-lo sentir toda a violência da maldade que albergava no meu seio. Chegado ao seu cubículo, entrei sem fazer ruído, deixando a lanterna com um quebra-luz colocado, no exterior. Avancei um passo e escutei a sua respiração tranquila. Certificando-me de que dormia, voltei atrás, peguei na lanterna e, com ela na mão, aproximei-me novamente da cama.

As cortinas que a cercavam estavam corridas; executando o meu plano, abri-as lentamente, mas a luz clara iluminou completamente o adormecido e simultaneamente o meu olhar deteve-se na sua fisionomia. Olhei; e imediatamente se apossou de mim um entorpecimento, uma sensação gélida. O coração palpitou-me, os joelhos vacilaram e todo o meu espírito foi acometido de um terror sem explicação mas, de qualquer modo, intolerável. Respirando a custo, baixei a lanterna de modo a aproximá-la mais do seu rosto. Seriam mesmo... seriam mesmo aqueles os traços de William Wilson? Vi, realmente, que eram os seus, mas estremei como que atacado de sezões ao imaginar que o não fossem. Que havia afinal neles que me perturbasse de tal maneira? Observei-o, enquanto me acorria vertiginosamente ao cérebro uma multitude de pensamentos incoerentes. Não era aquele o seu aspecto - não era certamente aquele - na vivacidade que o caracterizava quando acordado. O mesmo nome! Os mesmos traços pessoais! O mesmo dia de chegada à escola! E depois à sua obstinada e inexplicável imitação do meu modo de andar, da minha voz, dos meus hábitos, das minhas maneiras!

Estaria realmente dentro das possibilidades humanas que aquilo que presentemente via fosse o simples resultado da prática habitual daquela imitação sarcástica? Aterrado e com um arrepio, apaguei a lanterna, saí silenciosamente do quarto e deixei imediatamente aquela casa, para não mais voltar.

Decorridos alguns meses, passados em casa na mais completa ociosidade, acabei por ir estudar para Eton. Aquele breve interregno tinha bastado para desvanecer a lembrança do ocorrido na escola do Dr. Bransby, ou pelo menos para operar uma sensível alteração na natureza da sensação com que o recordava. A realidade - e tragédia - do drama não existia já.

Agora conseguia encontrar motivos para duvidar do testemunho dos meus sentidos; e raras vezes lembrava o assunto sem me causar admiração até onde pode chegar a credulidade humana e sem sorrir ante a vivida imaginação que era em mim hereditária. Tão-pouco o carácter da vida em Eton era susceptível de contribuir para mitigar esse género de cepticismo. O vórtex de inconsciente folia em que ali tão pronta e estouvadamente mergulhei varreu tudo menos a espuma das minhas horas passadas, engoliu de súbito toda e qualquer impressão firme ou séria e apenas deixou na lembrança as frivolidades de uma existência anterior. Não pretendo, todavia, traçar aqui o curso da minha miserável depravação - depravação essa que desafiava as leis ao mesmo tempo que iludia a vigilância da instituição. Passados três anos de loucuras sem proveito, que tão-somente me criaram hábitos radicados de vício e me aumentaram, de modo um tanto invulgar, a estatura física, a seguir a uma semana de desenfreada dissipação convidei um pequeno grupo dos estudantes mais depravados para um festim secreto nos meus alojamentos. Reunimo-nos a altas horas da noite, pois o nosso deboche devia ritualmente prolongar-se até de manhã. O vinho correu a rodos e não faltavam outras seduções, porventura mais perigosas; assim, já despontava timidamente a leste a cinzenta madrugada e as nossas delirantes extravagâncias estavam no auge.

Vivamente excitado pelo jogo e pela embriaguez, estava eu a propor novo brinde mais indecoroso que o habitual, quando a minha atenção foi subitamente desviada pela abertura violenta, embora parcial, da porta, e pela voz ansiosa de um criado, a anunciar-me que uma pessoa, aparentemente presa de grande urgência, pretendia falar-me no vestíbulo.

Sob a louca excitação do vinho, a inesperada interrupção causou-me mais prazer do que surpresa. Avancei imediatamente, a cambalear, e em poucos passos atingi o vestíbulo. Nesta divisão baixa e acanhada não havia qualquer luz suspensa do teto; e naquele momento não penetrava luz alguma que não fosse a da debilíssima alva, que se filtrava pela janela semicircular. Ao cruzar o limiar da porta, apercebi-me da silhueta de um jovem de estatura próxima da minha e envergando um roupão de caxemira branca, com o mesmo corte moderno do que

eu trajava nesse momento. Isso pude eu distinguir sob a ténue iluminação; não consegui, porém, discernir os seus traços fisionómicos. Assim que entrei, ele dirigiu-se" rapidamente ao meu encontro e, tomando-me o braço com um gesto de petulante impaciência, sussurrou-me ao ouvido estas palavras:

- William Wilson!

Recuperei instantaneamente a sobriedade.

Havia nos modos do estranho, bem como na vacilação trémula do dedo que erguia entre os meus olhos e a luz, qualquer coisa que me encheu de indefinível espanto; mas não fora isso o que tão violentamente me perturbara. Fora sim, o impacte da solene admoestação feita naquela pronúncia singular, grave e sussurrante; e, acima de tudo, fora o carácter, o tom, o timbre daquelas escassas sílabas, simples, familiares e contudo sussurradas, que viera, juntamente com mil reminiscências de tempos passados, ferir-me a alma como um choque de bateria galvânica. Antes que pudesse recobrar o uso dos sentidos, já ele partira.

Conquanto este acontecimento não tenha deixado de produzir um vivo efeito na minha desordenada imaginação foi tão forte como evanescente. De facto, durante semanas, mergulhei numa séria investigação, quando não me achei envolvido numa nuvem de mórbida especulação.

Não tentava iludir-me sobre a identidade do estranho indivíduo que tão perseverantemente se imiscuía nos meus assuntos e me molestava com os seus importunos conselhos. Mas quem e o quê era este Wilson?... E de onde surgira?... E quais seriam os seus propósitos? A minha curiosidade não viria a ser satisfeita acerca de nenhum destes pontos. Apenas soube a seu respeito que um súbito acidente ocorrido na família o obrigara a deixar a escola do Dr. Bransby na tarde do próprio dia em que eu a abandonara. Todavia, pouco tempo decorrido, deixei de pensar no assunto, pois vi-me totalmente absorvido por uma projetada transferência para Oxford. E para ali me mudei em breve; a imoderada vaidade dos meus pais proporcionou-me enxoval e uma anuidade que me permitiriam dedicar-me sem peias ao luxo que me era já tão caro, rivalizar em prodigalidade de gastos com os mais altivos herdeiros dos mais ricos condados da Grã-Bretanha.

Assim encorajado na propensão para o vício, o meu temperamento natural irrompeu com redobrado ardor, e cheguei mesmo a desprezar as habituais fronteiras da decência na louca embriaguez dos meus deboches. Mas seria absurdo deter-me em pormenores sobre as minhas extravagâncias. Bastará dizer que ultrapassei em desregramento o próprio Herodes e que, dando um nome a uma infinidade de novas loucuras, acresci de um apêndice notável o longo catálogo de vícios então usuais na mais dissoluta universidade da Europa.

Não obstante, poderá parecer inacreditável que tivesse caído tão abaixo da minha condição de gentil-homem que chegasse a familiarizar-me com os mais desprezíveis artifícios do jogador profissional e que, tendo-me tornado adepto dessa vil ciência, a praticasse habitualmente como meio de aumentar os meus já imensos rendimentos à custa dos fracos de espírito que havia entre os meus colegas de estudo.

Era, porém, o caso. E a própria enormidade deste atentado aos sentimentos de franqueza e de honra era, indubitavelmente, a principal, se não única, razão de ser da impunidade de que desfrutava. Efetivamente, qual dos meus mais depravados companheiros não teria mais facilmente lutado contra a evidência dos seus sentidos do que suspeitado capaz de tais processos o alegre, o franco, o generoso William Wilson - o mais nobre e mais liberal membro de Oxford -, aquele cujas loucuras (segundo os seus parasitas) não passavam de loucuras da juventude e do produto de uma imaginação desenfreada, cujos erros não passavam de caprichos inimitáveis, cujo mais negro vício mais não era que uma descuidada e foga excentricidade?

Tinha completado dois anos entregue a tais prazeres, quando surgiu na universidade um jovem nobre *parvenu* (*novo rico*), Glendinning - tão rico, ao que se dizia, como Herodes Ático, e cuja riqueza lhe viera igualmente sem esforço. Não tardei em descobrir-lhe um espírito fraco e, evidentemente, marquei-o como vítima apropriada para os meus talentos. Jogava frequentemente com ele e, com a habitual arte do jogador, esforçava-me por deixá-lo ganhar quantias consideráveis, para depois o apanhar mais eficazmente nos meus ardis. Ao fim de algum tempo, após ter amadurecido os meus planos, encontrei-me com ele

(com a mais arreigada convicção de que este encontro seria final e decisivo) nos alojamentos de um colega (Mr. Preston), íntimo de qualquer de nós, mas que - faça-lhe essa justiça - não albergava a menor suspeita dos meus desígnios. Para dar mais colorido a todo o quadro, tinha arranjado as coisas de forma a reunir um grupo de oito ou dez pessoas e assegurei-me escrupulosamente de que o aparecimento das cartas parecesse perfeitamente accidental e fosse originado por proposta da minha própria presa em perspectiva.

Para encurtar este desprezível assunto, direi que não descurei qualquer das baixas manobras tão habituais em semelhantes ocasiões, a tal ponto que é realmente espantoso encontrarem-se ainda pessoas suficientemente ingênuas para deixarem-se lograr por elas.

A nossa vigília prolongara-se já até bastante tarde, quando consegui finalmente manobrar por forma a ter Glendinning como meu único adversário. Quanto ao jogo, era também o meu preferido, o *écarté*. Os restantes membros do grupo, interessados na magnitude do nosso jogo, tinham abandonado as suas próprias cartas e haviam-se agrupado em torno de ambos como espectadores. O *parvenu*, que fora induzido pelos meus artifícios a beber bem durante a primeira parte da noite, baralhava, dava ou jogava agora com um estranho nervosismo de gestos que, na minha opinião, a sua embriaguez explicava em parte, mas não por completo. Não tardou que ficasse a dever-me uma avultada quantia; e eis que, após ter sorvido uma longa golada de porto, fez precisamente o que eu aguardava friamente: propôs-me que dobrássemos a já extravagante parada. Com bem simulada relutância, e só depois que a minha reiterada recusa o levou a proferir palavras azedas que conferiram um aspecto de *pique* (*amuo*) à minha anuência, acabei por concordar. Claro que o desfecho apenas provou até que ponto tinha a minha presa nas garras; em menos de uma hora, a sua dívida quadruplicou. Desde algum tempo antes, o seu rosto vinha perdendo o tom róseo que o vinho lhe conferira; nessa altura, porém, apercebi-me com surpresa de que passara a uma palidez aterradora. Digo com surpresa porque Glendinning me fora apresentado, em face das minhas interessadas inquirições, como incomensuravelmente rico; e as quantias que até aí perdera, embora fossem em

si vultosas, não poderiam, julgava eu, incomodá-lo grandemente, e muito menos afetá-lo tão profundamente.

A ideia que imediatamente me ocorreu foi que ele tivesse sucumbido ao álcool que ingerira; e, mais com o objetivo de ocultar o meu verdadeiro carácter aos olhos dos meus colegas do que por qualquer motivo menos interesseiro, estava prestes a insistir peremptoriamente para que terminássemos o jogo, quando algumas expressões pronunciadas ao meu lado por alguém do grupo, bem como uma exclamação de Glendinning denunciando extremo desespero, me deram a entender que o tinha levado à ruína total em circunstâncias que, tornando-o alvo da piedade geral, o teriam protegido dos maus ofícios de um demónio que fosse. Qual a atitude que pudesse ter tomado nesse momento é difícil de dizer.

A deplorável situação da minha vítima tinha provocado em toda a gente um ar de embaraçada melancolia; e, por momentos, reinou um profundo silêncio, durante o qual não pude deixar de sentir o rosto a escaldar sob os muitos olhares inflamados de desprezo ou reprovação que me lançavam os menos depravados do grupo. Confessarei mesmo que a súbita e extraordinária interrupção que se seguiu me aliviou por breves instantes o peito de um intolerável peso de ansiedade. As amplas e pesadas portas de correr do compartimento abriram-se repentinamente de par em par, com tão vigoroso e súbito ímpeto que, como por magia, se extinguíram todas as velas do quarto. A sua luz, ao esmorecer, permitiu-nos tão-somente dar pela entrada de um estranho, de estatura próxima da minha e de capote bem aconchegado ao corpo. Porém, a escuridão era então total, e apenas podíamos sentir que ele estava de pé entre nós. Antes que qualquer dos presentes pudesse refazer-se do extremo espanto em que esta violência nos mergulhara a todos, ouvimos a voz do intruso:

- Meus senhores - disse, num sussurro baixo, claro e inesquecível, que me fez estremecer até à medula dos ossos.

- Meus senhores, não apresento desculpas pelo meu comportamento porque, ao agir desta maneira, nada mais faço do que cumprir um dever. Certamente não estais a par do verdadeiro carácter da pessoa que esta noite ganhou a Lorde Glendinning uma avultada quantia ao *écarté*. Vou, pois, propor-vos um meio

expedito e decisivo de obterdes essas preciosas informações. Fareis o favor de examinar, a vosso bel-prazer, o forro interior do canhão da sua manga esquerda e os vários baralhos que se poderão descobrir nos bolsos bastante espaçosos do seu roupão bordado.

Enquanto ele falava, o silêncio era tão profundo que se teria ouvido o som de um alfinete a cair no chão. Mal terminou, abandonou o compartimento, tão abruptamente como entrara. Poderei eu, deverei eu descrever o que sentia? Deverei dizer que senti todos os horrores dos condenados? O certo é que pouco tempo me foi dado para refletir. Uma série de mãos agarrou-me imediatamente, e as luzes foram novamente acesas. Seguiu-se uma revista à minha pessoa. No forro da minha manga foram encontradas todas as figuras essenciais no *écarté* e, nos bolsos do meu roupão, uma serie de baralhos, fac-símiles dos utilizados nas nossas partidas, com a única exceção de os meus serem do tipo que tecnicamente se designa por *arrondées*, com as figuras e os ases ligeiramente convexos nos cantos e as cartas mais baixas levemente côncavas dos lados. Com esta disposição, a vítima, ao cortar, como de costume, no sentido do comprimento do baralho, fá-lo-á evidentemente dando uma figura ou às ao adversário, enquanto o batoteiro, cortando no sentido da largura, certamente nunca cortará nada para o objeto da sua trapaça que possa valer alguma pontuação para o jogo. Qualquer explosão de indignação após esta descoberta me teria afetado menos do que o silencioso desprezo ou a sarcástica compostura com que ela foi acolhida. - Mr. Wilson - disse o nosso anfitrião, inclinando-se para apanhar de sob os pés um capote extremamente luxuoso de peles raras. - Mr. Wilson, isto pertence-lhe. (Fazia frio; e, ao deixar o meu quarto, envergara um capote por cima do roupão, que retirara ao chegar ao local do jogo.) Suponho que será supérfluo procurar aqui (e observava as dobras do abafo com um sorriso azedo) qualquer prova adicional da sua perícia. Realmente, isto para nós é mais do que suficiente. Espero que compreenda a necessidade de abandonar Oxford... e, de qualquer modo, de deixar imediatamente os meus aposentos.

Rebaixado, completamente humilhado como então me encontrava, é provável que esta linguagem vexatória me tivesse ferido a ponto de recorrer

imediatamente à força física, não fosse a minha atenção nesse momento atraída por um facto da mais estranha natureza. O capote que trouxera era de uma pele rara; tão rara e dispendiosa que me dispensarei de o dizer.

O seu corte era também produto da minha fantasiosa imaginação, posto que eu era requintado até à mais absurda fatuidade em questões de semelhante frivolidade. Assim, quando Mr. Preston me estendeu aquele que apanhara no chão, perto das portas corrediças do apartamento, foi com um espanto vizinho do terror que me apercebi de que tinha já o meu no braço (onde eu próprio certamente o colocara sem dar por isso) e que aquele que me estendiam mais não era que uma réplica exata sua, inclusivamente nos mais minuciosos pormenores. O estranho ser que tão desastrosamente me expusera vinha, recordei, aconchegado num capote; e nenhum dos membros do nosso grupo trazia igual peça de vestuário, exceto eu. Conservando uma certa presença de espírito, aceitei o que Mr. Preston me estendia e coloquei-o, furtivamente, sobre o que trouxera vestido, após o que abandonei o apartamento com um resoluto olhar de desafio; na manhã seguinte, antes do alvorecer, iniciei uma precipitada viagem de Oxford para o continente, numa verdadeira agonia de horror e vergonha.

Debalde fugia. A má sorte perseguia-me como que exultante, e bem depressa se revelou que o exercício do seu misterioso domínio apenas se iniciara. Mal chegado ainda a Paris, tive nova prova do execrável interesse que Wilson dedicava aos meus assuntos. Os anos passaram sem que conhecesse qualquer alívio. Miserável!... Em Roma, como se interpôs importunamente - e contudo com que spectral solicitude - entre mim e a minha ambição! É o mesmo em Viena... e em Berlim... e em Moscovo! Na verdade, que local houve onde não tivesse amargas razões para o amaldiçoar de todo o coração? Acabei por fugir a esta inescrutável tirania, tomado de pânico, como se da peste se tratasse; e até aos confins da terra *debalde fugi*.

E uma e outra vez, em secreta comunhão com o meu espírito, me interrogava: «Quem é ele?... De onde vem? E que pretender» Mas não encontrava resposta. Passei a examinar, com minuciosa atenção, as formas, os métodos, os traços característicos da sua impertinente vigilância. Porém, tão-pouco desse modo

logrei obter algo que pudesse servir de base às minhas conjecturas. Era, realmente, notável que, em nenhuma das múltiplas ocasiões em que ele recentemente se me atravessara no caminho, o fizesse com outro objetivo que não fosse o de frustrar os planos, ou perturbar as ações, que, a terem sido levadas a cabo, poderiam ter provocado pesados danos. Fraca justificação esta, realmente, para uma autoridade tão imperiosamente exercida! Fraco ressarcimento para os naturais direitos de livre arbítrio tão pertinaz, tão injuriosamente coarctados!

Tinha igualmente sido forçado a notar que o meu carrasco, durante um longo período de tempo (enquanto simultaneamente mantinha com escrúpulo e miraculosa destreza o capricho de identificar-se comigo no modo de trajar) agira de maneira a que, na execução das suas várias interferências com a minha vontade, eu lhe não distinguisse nunca os traços fisionómicos.

Fosse quem fosse Wilson, este, pelo menos, era o cúmulo da afetação ou da estupidez. Poderia ele convencer-se, por um instante que fosse, de que, no meu conselheiro em Eton, no homem que arruinara a minha reputação em Oxford, naquele que frustrara as minhas ambições em Roma, a minha vingança em Paris, o meu amor apaixonado em Nápoles ou aquilo a que ele falsamente chamava a minha avareza no Egipto, que neste meu inimigo jurado e meu génio maléfico existisse a possibilidade de eu não reconhecer o William Wilson dos meus tempos de escola - o homónimo, companheiro e rival-, o odiado e temido rival no colégio do Dr. Bransby? Impossível! Mas permitam-me que passe ao relato da cena final do drama.

Até então submetera-me inativamente a este imperioso domínio. O sentimento de profundo respeito com que habitualmente encarava o carácter nobre, a importante sensatez, a aparente omnipresença e omnipotência de Wilson, acrescido mesmo de uma sensação de terror que certas outras características da sua natureza e determinados privilégios me inspiravam, tinham até ao momento feito radicar-se no meu espírito uma noção da minha extrema debilidade e impotência e haviam-me levado a uma submissão implícita, que no entanto me repugnava amargamente, à sua vontade arbitrária. Ultimamente, porém, tinha-me entregado completamente ao álcool, e a sua influência excitante sobre o meu

temperamento hereditário tornava-me cada vez mais impaciente perante aquela vigilância. Comecei a murmurar, a hesitar, a resistir. E seria apenas a imaginação que me levava a crer que, à medida que a minha firmeza aumentava, a do meu carrasco sofria uma proporcional diminuição? Fosse como fosse, comecei a sentir a inspiração de uma esperança ardente e acabei por albergar no íntimo do meu espírito a firme e desesperada resolução de deixar de submeter-me a tal escravidão.

Foi em Roma, no Carnaval de 18... que participei num baile de máscaras no *palazzo* do napolitano duque Di Broglio. Cedera mais do que o habitual aos excessos do vinho, e agora a atmosfera sufocante das salas apinhadas de gente irritava-me de modo insuportável. Além disso, a dificuldade de abrir caminho por entre os magotes de convivas contribuía em boa parte para me alterar a disposição, visto que procurava ansiosamente (permitam-me que omita por que motivo indigno) a jovem, alegre e bela esposa do velho e extravagante Di Broglio. Com uma confiança pouco escrupulosa, revelara-me previamente o segredo do traje que levaria, e agora, tendo-a visto de relance, apressava-me a abrir caminho até junto dela.

Nesse momento senti uma mão leve pousar-me no ombro e logo o inesquecível e amaldiçoado sussurro soar-me ao ouvido.

Acometido de frenética ira, virei-me de imediato para quem assim me interrompera e agarrei-o violentamente pelos colarinhos. Trajava, como eu esperava, um disfarce perfeitamente semelhante ao meu: um capote espanhol de veludo azul, com um cinturão escarlata do qual pendia um florete. Uma máscara de seda preta cobria-lhe igualmente o rosto.

- Canalha! - exclamei, com a voz enrouquecida pela fúria, ao mesmo tempo que cada sílaba que pronunciava parecia uma acha mais na fogueira dessa ira. - Canalha! Impostor! Maldito vilão! Não hás-de perseguir-me até à morte! Segue-me, ou trespasso-te aqui mesmo!

E abri caminho do salão de baile até uma pequena antecâmara contígua, arrastando-o irresistivelmente atrás.

Mal entrei, empurrei-o furiosamente para longe. Foi embater, cambaleando, na parede, enquanto eu fechava a porta com uma imprecação e lhe ordenava que desembainhasse a arma. Hesitou por momentos; depois, com um leve suspiro, puxou silenciosamente do florete e pôs-se em guarda.

O combate durou pouco. Sentia-me de cabeça perdida, possuído de todo o género de excitações selvagens e parecia-me possuir num braço apenas a energia e a potência de uma multidão. Em poucos segundos obriguei-o, simplesmente pela força, a encostar-se aos lambrins e, desse modo, ficando com ele à minha mercê, mergulhei-lhe a espada no peito, uma e outra vez, com uma ferocidade animal.

Nesse instante alguém mexeu no fecho da porta. Apressei-me a evitar qualquer intrusão e voltei imediatamente ao meu adversário moribundo. Mas existirá língua humana que possa descrever condignamente aquele espanto, aquele horror que me possuiu perante o espetáculo que se me deparava? O breve instante durante o qual tinha desviado o olhar bastara, aparentemente, para produzir uma alteração material na disposição do extremo mais afastado da sala. Havia agora - ou assim me pareceu inicialmente, confundido como estava - um grande espelho onde antes se não via nenhum; e, ao aproximar-me dele, presa do maior terror, a minha própria imagem, mas de rosto pálido e toda salpicada de sangue, avançou para mim com passo débil e vacilante.

Assim me pareceu, conforme disse, mas de facto não era assim. Era o meu adversário - era Wilson que nesse momento se erguia diante de mim, na agonia final. A sua máscara e capote jaziam por terra, no local onde os largara. Não havia um só fio das suas roupas, um único traço da sua fisionomia vincada e singular, que não fossem, na mais absoluta das identidades, os meus.

Era Wilson, mas não falava já num sussurro, e por pouco não imaginei que era eu próprio quem falava ao ouvir-lhe estas palavras:

- Tu venceste, e eu sucumbo. Mas de agora em diante estes também morto: morto para o Mundo, para o Céu e para a Esperança! Em mim existias; e vê na minha morte, vê através desta imagem, que é a tua, como te assassinaste fatalmente a ti próprio!.

FIM